

Apresentação:

este livro na história dos clássicos brasileiros sobre literatura infantil
Maria do Rosario Longo Mortatti

Como citar: MORTATTI, M. R. L. Apresentação: este livro na história dos clássicos brasileiros sobre literatura infantil. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 11-26. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p11-26>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Este livro na história dos clássicos brasileiros sobre literatura infantil

A história deste livro se inicia, de certo modo, há mais de 40 anos, quando ingressei no magistério do então 1º e 2º graus de ensino e iniciei estudos e pesquisas sobre literatura infantil como mestranda no Programa (Curso, na época) de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. De modo mais sistemático, a retomada ocorreu há aproximados 27 anos, quando, após o doutorado em Educação, ingressei na carreira de professora universitária na Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente, solicitei credenciamento como professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Assis, e propus a disciplina “Literatura infantil”.

Foi com base nos problemas enfrentados na formação de leitores como professora na educação básica e na busca de soluções por meio das pesquisas de mestrado e doutorado — além da participação em muitas outras atividades relacionadas com a promoção da leitura — que elaborei o plano de ensino da disciplina apresentada ao PPGL-Unesp-Assis, simultaneamente ao início de pesquisa sobre história da alfabetização, tema de disciplina que

apresentei ao PPG em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *campus* de Marília, onde também passei a atuar em 1993, além das pesquisas históricas que iniciei nessa época. Todas essas atividades na universidade propiciaram a elaboração do Programa de Pesquisa e do Projeto Integrado de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (PIPHELLB) que, desde então, vem sendo desenvolvido em etapas trienais. Com base no programa e no projeto, criei, em 1994, do Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (GPHELLB), todos eles com cinco linhas de pesquisa, sempre com abordagem histórica: alfabetização, ensino de língua portuguesa, ensino de literatura, literatura infantil e juvenil, formação de professores².

Sintetizando minha trajetória de professora e pesquisadora até aquela época e apontando para novos projetos, a disciplina “Literatura infantil” tinha como objetivos: compreender o processo histórico de constituição da literatura infantil brasileira como gênero literário e objeto de estudo; e analisar discursos sobre e de literatura infantil brasileira representativos de momentos cruciais nesse processo. O conteúdo estava distribuído em três tópicos e respectivos subtópicos: 1. Problemas e impasses constitutivos da literatura infantil: relação entre criança, família e escola; entre útil e agradável, função e mimese; e entre autor e leitor previsto; 2. Constituição do gênero no Brasil: traduções/adaptações e o “impulso nacionalizador” no âmbito do projeto republicano brasileiro de educação e cultura; literatura infantil, leitura na escola e expansão do mercado editorial;

² Desde 2014, a denominação é Grupo de Pesquisa “História da Educação e do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, com acréscimo da linha “Memória e história da Educação”, decorrente da participação da professora Rosa Fátima de Souza Chaloba (PPGE-Unesp-Marília) como vice-líder do grupo.

produção lobateana e busca do “estatuto literário”; *boom* da literatura infantil na década de 1970; literatura infantil e a indústria cultural; 3. Constituição do discurso sobre literatura infantil brasileira: oscilação histórica do gênero entre didático e literário e os problemas relativos à produção de sua história, teoria e crítica; literatura infantil como disciplina na formação de professores primários; literatura infantil como objeto de estudo e pesquisa acadêmicos; relação entre a produção de e sobre literatura infantil brasileira.

Como bibliografia básica, selecionei textos e autores que considero fundadores de tradições nos estudos sobre esse gênero literário, que se consolidou ao longo do século XX, não por acaso, mas porque acompanhou a expansão da produção de literatura infantil, com novos escritores e renovado interesse do mercado editorial e de programas governamentais de incentivo à leitura.

Para a abordagem desses problemas, utilizei o método de análise da configuração textual, que formulei na tese de doutorado e aprofundei em textos posteriores, como no livro *Os sentidos da alfabetização*. Esse método consiste na análise integradora de todos os aspectos constitutivos do sentido de um texto, que são responsáveis por sua singularidade. Nesse conceito, baseia-se o método de análise em que se devem considerar, não apenas o conteúdo do texto, mas também autor, leitores previstos, motivos, finalidades, lugar social e momento histórico de produção:

Por meio da expressão “configuração textual”, busco nomear o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. É, portanto, a análise integrada desses aspectos que propicia ao investigador: reconhecer e interrogar determinado texto como configuração “saturada de agoras” e “objeto singular e vigoroso”; e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses (MORTATTI, 2000, p. 31).

A utilização desse método propiciou, então, conduzir as atividades da disciplina visando a compreender não apenas os conceitos básicos sobre literatura infantil propostos por cada autor/texto que selecionei, mas também os pontos de vista teórico-metodológicos de cada um deles, de acordo com sua formação e área de atuação, momento histórico em que viveram e produziram sua obra, diálogos que estabeleceram com leitores previstos e outros estudiosos do tema, contemporâneos ou predecessores, relações com a produção de literatura infantil, com mercado editorial e, para os mais recentes, com a produção acadêmica sobre o assunto.

Considerando essas características de cada autor/texto-selecionado, foi possível tanto compreender o lugar ocupado por cada um do ponto de vista da fundação de tradições quanto situá-los no diálogo que entre si estabeleceram, de modo direto ou indireto, no processo histórico de constituição do discurso sobre literatura infantil no Brasil.

Por meio de formulação e consolidação de conceitos, usos e funções da literatura infantil, de diferentes pontos de vista teóricos e metodológicos, as tradições fundadas por esses autores/textos os tornaram “clássicos”, por isso referências obrigatórias em tematizações posteriores, especialmente nos estudos acadêmicos que se desenvolvem desde as décadas finais do século XX. E, ao mesmo tempo em que se baseiam na produção de livros para crianças em circulação em suas respectivas épocas, influenciam também nas escolhas dos que escreviam/escrevem e editavam/editam para crianças e nas orientações e programas/políticas públicas para fomento da leitura e distribuição de livros para escolas públicas.

As reflexões e proposições pioneiras desses clássicos sobre literatura infantil se encontram incorporadas (muitas vezes de forma “silenciosa”), até os dias atuais, sobretudo na profusão de estudos acadêmicos, em livros de literatura infantil, em critérios editoriais e pedagógicos para seleção e utilização nas escolas, em critérios para premiação de livros para crianças e jovens, para seleção de títulos em programas governamentais e em políticas públicas relativas ao livro e à leitura. Por meio da análise dessa produção sobre literatura infantil, pode-se, portanto, também produzir uma meta-história da literatura infantil e do diálogo que estabelecem entre si, com a

produção de literatura infantil e com a teoria, a história e a crítica desse gênero literário.

É desses clássicos sobre literatura infantil produzidos por autores brasileiros, durante o século XX, que trata esta coletânea de dez artigos elaborados por pesquisadores da literatura infantil ou assuntos correlatos. Entre esses estão antigos e recentes colegas — Norma Sandra de Almeida Ferreira, Alice Áurea Penteado Martha, Marcelo Augusto Totti, Thiago Alves Valente, Márcia Cabral da Silva — e os também colegas pesquisadores de diferentes gerações que cursaram minha disciplina no PPG Letras-Assis — João Luís Ceccantini e, no PPG Educação-Marília: Estela Natalina Mantovani Bertoletti, Fernando Rodrigues de Oliveira e Vivianny Bessão de Assis, os quais foram também meus orientandos de mestrado e/ou doutorado e integram o GPHEELLB.

Em cada artigo/capítulo deste livro se analisa, então, um texto clássico de autor brasileiro sobre literatura infantil, apresentado em sequência cronológica de publicação.

No capítulo 1 - “ ‘Como aperfeiçoar a literatura infantil’ (1943), de Lourenço Filho: por uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil”, Estela Natalina Mantovani Bertoletti analisa esse texto originado de palestra publicada em 1943, que pode ser considerado o primeiro estudo mais sistematizado sobre literatura infantil produzido no Brasil, porque, nele, o autor esboçou uma história, formulou uma teoria e delineou uma crítica específica do gênero (BERTOLETTI, 2006), que não havia sido produzida até então, contribuindo para a produção de estudos específicos sobre literatura infantil. Com objetivo de compreender como Lourenço Filho organizou e desenvolveu suas ideias sobre

literatura infantil nesse estudo e em que medida contribuiu para a constituição de um campo específico desse gênero, a partir dos diálogos que estabeleceu com seus contemporâneos e das rupturas que propôs para fundar um modo de pensar e de produzir literatura infantil no Brasil, analisam-se aspectos da configuração textual (MORTATTI, 2000), relativos à estrutura e forma do texto, aos leitores previstos, aos temas e conteúdos tratados, identificando os princípios que os norteiam, sobretudo relativos ao lugar histórico-social e a vida, atuação e formação de seu autor direta e indiretamente ligadas à produção mencionada. A autora conclui que, além de pioneiro, “Como aperfeiçoar a literatura infantil” exerceu também influência nos textos *sobre e de* literatura infantil que a ele se seguiram, sobretudo relativa a: síntese das origens indo-europeias da literatura infantil; critério da idade cronológica e psicológica do leitor para classificação dos livros de literatura infantil e juvenil; e concepção ambígua do gênero, no qual concepções estéticas e literárias estão aliadas a concepções psicológicas e educacionais.

No capítulo 2 - “*Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles: entre tradição e invenção”, Norma Sandra de Almeida Ferreira analisa três edições: a 1ª, de 1951, pela “Imprensa Oficial de Minas Gerais”; a 3ª, de 1979, pela “Summus Editorial”, e a 3ª, de 1984/5ª impressão de 2001, pela Editora “Nova Fronteira” do livro *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles, tomando-as como objeto e fonte de pesquisa, em sua materialidade e em seu discurso. Na materialidade, os projetos editoriais dessas três edições, entre tradição e invenção, assumem aspectos que permitem a identificação do lugar dessa obra nos estudos críticos sobre

literatura infantil e sua distinção e novidade no mercado (CHARTIER, 1990). A estabilidade de conteúdo e de linguagem (textos da primeira edição) atestam a qualidade e importância da obra na tradição do gênero, havendo ainda a inclusão de intervenções de ordem tipográfica, que buscam conquistar os leitores. São estratégias acionadas para que os leitores possam compartilhar das condições de produção da obra em sua primeira edição, bem como de referências a um repertório comum que permitam o (re)encontro com a obra (FERREIRA, 2009). No aspecto discursivo, Cecília Meireles discorre, com propriedade e didatismo, sobre “problemas” da literatura infantil, valendo-se de alguns recursos linguísticos, para conseguir a adesão de seus leitores/ouvintes em torno de suas ideias e convicções. Em vista disso, o livro de Cecília Meireles pode ser compreendido como importante para construção e consolidação do gênero porque nomeia-o, reconhece os conceitos e as práticas que o constituem, distingue-o de outros gêneros voltados para a produção destinada às crianças, ainda não diferenciados naquele momento.

No capítulo 3 - “‘A literatura infantil...’ (1952), de Fernando de Azevedo: um problema da Sociologia, da Educação e das Letras”, Maria do Rosario Longo Mortatti e Marcelo Augusto Totti, consideram que, embora diferentes aspectos da obra e da atuação de Fernando de Azevedo venham sendo objeto de estudos que evidenciam suas decisivas contribuições para a sociologia, a educação e a cultura no Brasil, ainda estavam inexploradas suas reflexões sobre literatura infantil. Com o objetivo de contribuir para a compreensão desse aspecto da obra do eminente intelectual brasileiro, analisam a configuração textual do ensaio “A literatura infantil numa

perspectiva sociológica”, publicado em 1952, na revista *Sociologia*, da Escola de Sociologia e Política da São Paulo, e republicado, na terceira edição, de 1953, do livro *A educação e seus problemas* (Melhoramentos). A análise se baseia na hipótese de sua relação com o projeto (político) de renovação educacional no Brasil e com a história da sociologia, da educação e da produção brasileira sobre literatura infantil, em que o ensaio figura como um clássico.

No capítulo 4 - “*História da literatura infantil* (1959), de Nazira Salem: literatura e sistema escolar”, Alice Áurea Penteadó Martha analisa o livro *História da literatura infantil* (primeira edição em 1959 e segunda em 1970), a fim de compreender seu objetivo de orientar professores e alunos, em consonância com as teorias educacionais da época, no atendimento à demanda do Ensino Normal do Estado de São Paulo, em situação de emergência frente à Lei N. 3,739, de 22/01/1957, instituindo a obrigatoriedade da Literatura Infantil no currículo do Curso Normal dos Institutos de Educação e das Escolas Normais. Na análise, ressalta-se o papel pioneiro de Salem na sistematização da pesquisa histórica sobre a produção literária para crianças no Brasil, possibilitando que o livro fosse referenciado e citado nos trabalhos de pesquisa acadêmica sobre a produção infantil e juvenil brasileira. A autora conclui que Salem procurou estabelecer, insistentemente, relações intrínsecas entre teorias educacionais e produção literária para crianças.

No capítulo 5 - “*Literatura infantil brasileira* (1968), de Leonardo Arroyo, e a literatura infantil como produção cultural”, Vivianny de Assis Bessão apresenta síntese da produção *de e sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, em que situa o livro *Literatura infantil brasileira* (1968). Neste, o autor não apresenta

preocupação didática em “ensinar” professores a “ensinar” literatura infantil para as crianças na escola primária, como faziam os manuais de ensino publicados naquele momento histórico. O interesse de Arroyo foi o de sistematizar os marcos históricos da literatura infantil brasileira, por meio da organização de autores, editoras, livros e diferentes tipos de textos disponíveis para a leitura pelas crianças ao longo de quase um século na história do Brasil, pois Arroyo compreendia literatura infantil como fenômeno cultural. A autora conclui que, nesse livro, Arroyo propicia a criação de um “campo de pesquisa” sobre a literatura infantil no Brasil. Além das fontes apresentadas e da organização histórica que propõe, Arroyo contribui para pensar o conceito de literatura infantil e a relação entre os aspectos didáticos e estéticos nos livros para crianças.

No capítulo 6 - “*A literatura infantil: história, teoria, análise* (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira”, Fernando Rodrigues de Oliveira analisa diferentes edições desse livro, algumas das quais foram reformuladas, ampliadas e modificadas, inclusive com alteração de subtítulo e editora: 1ª, de 1981; 2ª, de 1982; 3ª, de 1984; 4ª, de 1987; 5ª, de 1991; 6ª, de 1997; e 7ª, de 2000. Apesar do número de edições, verifica-se que as concepções e proposições em relação à literatura infantil apresentadas por Nelly Novaes Coelho na 1ª edição não sofreram nenhuma alteração. A autora defende a ideia de que os textos literários destinados às crianças são, antes de tudo, literatura, embora pertençam também à Pedagogia. Argumenta que eles “obedecem” às etapas de desenvolvimento infantil, de modo que os elementos da narrativa, responsáveis por compor a “matéria literária”, apresentam função educativa, ao mesmo tempo que entretêm. Apesar de Nelly

Novaes Coelho ter tido formação e atuação no meio acadêmico e ter despontado no estudo do gênero num momento de renovação do campo, o autor do capítulo situa a produção intelectual dessa professora e pesquisadora na fronteira entre o que se pode denominar de “novo” e de “tradicional” no discurso brasileiro sobre literatura infantil.

No capítulo 7 - “*Literatura infantil brasileira: (1984)*”, de Lajolo e Zilberman: entre histórias & histórias”, Thiago Alves Valente analisa a configuração textual (MORTATTI, 2001) desse livro. Por meio da análise, pode-se compreendê-lo como resultado de um trabalho acadêmico fundado no entrecruzamento de vozes da História, da Sociologia, da Filosofia e das Letras, entre outras áreas. Com perspectiva ancorada na Estética da Recepção e Sociologia da Leitura, as autoras problematizam o adjetivo “infantil”, considerando-o como indício de desqualificação frente à literatura não infantil. Por meio do método histórico, apresentam os elementos que funcionariam como base social para o uso do adjetivo “infantil”: a família, a escola e o mercado; apresentam obras e autores para análises sincrônicas no desenrolar da exposição diacrônica; cotejam literatura não infantil e literatura infantil; estabelecem relações entre fatos históricos, movimentos culturais, movimentos literários e tendências formais e temáticas da literatura infantil brasileira. Nesse sentido, é possível concluir com as autoras que na produção da literatura infantil brasileira analisada até aquela época há duas vertentes básicas, correspondentes a valores e princípios adultocêntricos, alinhadas, geralmente, com o *status quo* do momento; outra, notoriamente *lobateana*, à qual se filiam aqueles

que valorizam o leitor infantil por meio de personagens dinâmicas, questionadoras, textos que não traem nem subestimam a criança.

No capítulo 8 - “*Literatura infantil e ideologia* (1985): de Fúlvia Rosemberg: um ‘maio de 68’ nos estudos sobre o gênero”, Fernando Rodrigues de Oliveira analisa esse livro com o objetivo de recuperar aspectos do desenvolvimento da pesquisa *Análise de modelos culturais na literatura infanto-juvenil* (1979) que deu origem ao livro analisado. Para tanto, aborda aspectos da atuação profissional e militante de Fúlvia Rosemberg, os pressupostos teórico-metodológicos apresentados no relatório da pesquisa por ela elaborado, o conteúdo do livro e aspectos de sua circulação. Numa alusão metafórica ao evento histórico denominado “maio de 68”, o autor do capítulo considera esse livro um trabalho inaugural no campo dos estudos sobre a literatura infantil, como indicativo de um olhar de “intuito revolucionário”. Essa proposição decorre da verificação de que *Literatura infantil e ideologia* (1985), ao denunciar o preconceito, as relações misóginas, o caráter moralista e a relação desigual e autoritária entre adulto e criança representada nos textos literários, exerce um papel transformador e renovador dos modos de se pensar, entender, analisar e produzir literatura para crianças no Brasil.

No capítulo 9 - “*O texto sedutor na literatura infantil* (1986), de Edmir Perrotti: entre o estético e o utilitário”, Márcia Cabral da Silva e Estela Natalina Mantovani Bertoletti analisam o livro de Perrotti, a fim de compreendê-lo como parte de um projeto mais amplo do qual participaram estudiosos do livro de ficção para crianças e jovens no Brasil, antecessores ou contemporâneos a ele. Nessa análise, é possível reconhecer no livro um processo de

continuidades e rupturas em relação à produção sobre literatura infantil. Em relação às continuidades, destacam-se as seguintes: Perrotti se baseia nos dados e análises de seus contemporâneos sobre a produção de literatura para crianças e jovens e os toma como “verdades”, uma vez que esta é uma das premissas que permitem que o autor situe *O caneco de prata* e grande parte da produção dos anos de 1970 em diante, no Brasil, como predominantemente calcada no “discurso estético”; aponta a obra de Monteiro Lobato como a única exceção no transcurso de quase um século de produção brasileira, “retomado” pela geração de escritores de 1970; e recupera na história dos livros para crianças, autores e textos que, na longa duração, foram sendo repetidos a partir de dados compilados, sem menção à fonte documental, como sendo representativos das origens instrumental e utilitária da literatura para crianças e jovens. Em relação às rupturas, destacam-se: a designação do gênero como “para crianças e jovens” em lugar de “infantil e juvenil”, respectivamente, pois é considerado como manifestação estética, dotada de especificidade, e essa é definida pelo “público” e não pelo “leitor”. Outro ponto importante é a compreensão da literatura para crianças e jovens como fenômeno histórico, para atribuição de seu valor. E, ainda: apresenta a análise dos textos do ponto de vista do discurso, como materializações de uma situação de enunciação determinada por diferentes condições históricas e sociais. Nesse aspecto, reconhece um discurso estético, um discurso utilitário e um “utilitarismo às avessas” na produção de literatura para crianças e jovens no *corpus* analisado crítica e corajosamente. Em vista disso, sobre esse livro é possível afirmar que pode ser compreendido como de grande contribuição para a crítica a livros para crianças e jovens, porque os considera como manifestação artística, segundo os

parâmetros da especificidade de seu público, promovendo inflexões em relação à produção a ele contemporânea que, apresentando-se como renovadora, propunha a abordagem desses livros a partir de padrões éticos e estéticos da literatura para adultos.

No capítulo 10 - “*O que é literatura infantil* (1986), de Ligia Cademartori: um primeiro passo sedutor”, João Luís Ceccantini examina esse livro no papel desempenhado por ele na Coleção Primeiros Passos, qual seja o de atingir um grande contingente de leitores. Para o autor do capítulo, trata-se de importante obra no conjunto da produção sobre literatura infantil da década de 1980, que merece elogios por ter optado por uma visão periscópica do objeto literatura infantil voltada a um iniciante no tema. O autor conclui que, com enfoque multidisciplinar original, por meio de abordagem histórica, sociológica, literária e educacional, esse livro construiu uma dimensão sedutora para o objeto literatura infantil.

Como se pode constatar, nos textos reunidos neste livro, organizado a seis e escrito a 20 mãos, encontram-se consistentes análises dos 10 textos/autores clássicos brasileiros sobre literatura infantil selecionados para a análise. Há, ainda, outros textos/autores que também podem ser considerados clássicos sobre o assunto e serão objeto de análise em estudos posteriores. No entanto, por meio do que aqui se apresenta, é possível compreender as diferentes vozes que, dialogando entre si, constituem o discurso (brasileiro) sobre literatura infantil, como um intenso movimento histórico marcado por permanências e rupturas, em que se fundam tradições e se consolidam conceitos e práticas que, até os dias atuais, influenciam a produção de textos para crianças e jovens, o mercado editorial, as

práticas de leitura na escola e as políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil.

Trata-se, pois, de leitura indispensável tanto para pesquisadores, escritores, editores, gestores de políticas públicas, mediadores de leitura quanto para professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Agradeço todos os companheiros da jornada que hoje se apresenta neste livro. Assim como foi para nós, certamente a leitura trará importantes contribuições aos que aceitarem o convite para visitar ou conhecer a história da história da produção brasileira sobre literatura infantil, por meio deste livro que faz parte dessa história e já nasce com todas as características para se tornar, também ele, um clássico.

Marília/SP, 26 de julho de 2020

Maria do Rosario Longo Mortatti

Referências

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 2006. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural*. Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, Norma Sandra de A. Um estudo das edições de *Ou Isto ou Aquilo* de Cecília Meireles. *Pro-Posições*. Campinas, vol. 20, n. 2 (59), p. 185-204, maio/ago. 2009.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo (1876/1994); Brasília/DF: MEC/INEP/CONPED: Ed. UNESP, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, n. 17, Araraquara, 2001. p. 179-187.